

Música Popular nas Escolas

Com a volta da obrigatoriedade do ensino musical nas escolas de níveis fundamental e médio, surge-nos uma questão: quase a totalidade das faculdades de música do País tem como conteúdo curricular o ensino da música clássica europeia¹, assim, os alunos dessas faculdades têm como base de seu aprendizado a música produzida na Europa, principalmente entre os anos 1700 e 1800, ou seja, a música dos períodos clássico e romântico, com pequena abordagem do barroco. Perguntamo-nos se seria essa a música a ser ensinada às crianças e jovens do Brasil em pleno século vinte e um?

Quando foram criadas as primeiras escolas de música em nível de terceiro grau no Brasil foram trazidas metodologias utilizadas para o ensino da música europeia; talvez pela inexistência de uma para se ensinar a música clássica brasileira, ou talvez, pelo fato de a música clássica brasileira andar sempre nos trilhos da que elegeu como vanguarda de si, a música europeia, ou talvez ainda, pelo fato de acharem que a música surgida no Brasil, chamada música popular, não tivesse nível nem distinção para ser sistematizada e utilizada como base do ensino musical². Isto por ser produzida por pessoas, na maioria das vezes, iletradas.

Assim, surge-nos outra questão: qual será o material a ser trabalhado nas escolas? Pensemos sempre que somos uma cultura de soma, surgimos do enlace de etnias e culturas diversas e sempre tivemos o rico hábito de incorporarmos ao nosso fazer cotidiano os costumes dos povos que aqui chegavam, e chegam, quer seja pelas imigrações, quer seja pela via do cinema, do rádio, do disco etc. Assim, não nos cabe sermos xenófobos, pois isso deporia contra o nosso próprio processo de formação cultural e social. No entanto, desprezarmos os frutos do nosso rico processo sócio-histórico não seria uma atitude xenófoba às avessas, para não dizer uma atitude colonizada?

As principais correntes metodológicas de ensino musical no Brasil vieram ou da França ou da Alemanha e, quando criou-se a primeira faculdade de música popular no Brasil, em 1989, trouxeram uma metodologia dos Estados Unidos³. Qual seria a dificuldade de olharmos para nossa produção musical, diga-se de passagem, a mais exuberante e de maior qualidade que existe, quando falamos de música popular, e ensinarmos a partir de nossas próprias bases uma vez que sempre mantivemos já incorporados e transubstanciados ao nosso fazer o saber da música europeia e dos Estados Unidos?

Quando pensamos em método há por trás deste a palavra cultura. Vamos criar algo para ensinar a quem? Dependendo do tipo de público, a abordagem certamente será diferente. Seria possível criarmos uma maneira de ensinarmos música aliando as pérolas das músicas europeia e estadunidense à nossa própria riqueza musical? E por que não todas ou várias sonoridades de outras partes do mundo? Num mundo cada vez mais globalizado, não seria interessante também nos utilizarmos da música para ensinarmos a aceitação e a tolerância?

¹ Não me refiro aqui à música do período clássico e, sim, à chamada música erudita, no entanto, por perceber erudição também na maneira popular de se fazer música, chamarei aquela de clássica.

² O maestro Martin Braunwieser, um dos encarregados da Missão Folclórica realizada por Mário de Andrade em 1938, ao Nordeste e Norte do País, ao se deparar com um grupo de Bumba Meu Boi do Pará que cantara uma quadra da música "Pelo Telefone" gravada por Donga em 1917, diz que a música do rádio e do entretenimento houvera contaminado a pureza da cultura popular nacional... (Moraes, 2010).

³ Atualmente, pesquisadores e instituições brasileiras adotaram os ensinamentos de pesquisadores ingleses (Keith Swanwick e Lucy Green) que escrevem sobre como aprender e ensinar música popular. Ora, não seria importante também, talvez antes, observarmos e aprendermos como o nosso povo faz música popular, para junto lermos o que outros escrevem sobre um assunto do qual nós somos a grande referência? Mais uma vez estamos nos olhando primeiro a partir das lentes e filtros dos outros.

Acreditamos que a música popular deva ser ensinada nas escolas principalmente se aliada a ela o seu processo histórico, pois a música popular brasileira foi, desde o seu surgimento, a principal cronista dos anseios e acontecimentos ocorridos no seio do povo do Brasil. Relatando fatos, contando histórias, a música popular foi a cronista dos que não tiveram a sua história registrada pelas vias comuns da escrita, bem como olhou, de sua posição e à sua maneira, para os acontecimentos que foram registrados em livros e atas. O que poderíamos saber do que ocorreu no sertão nordestino, nos morros cariocas nos anos de 1930, ou no seio das migrações caipiras para São Paulo se não fosse pela música popular que tudo narrou e registrou? Nos anos de chumbo da ditadura militar, quando a imprensa se encontrava amordaçada, foi a música a principal cronista dos acontecimentos de nossa sociedade. Nas pequenas localidades do interior, campanhas de vacinação e de mobilização pública sempre contavam com um “cantautor” que espalhava, cantando, a notícia ou o chamado a ser dado.

Desde os tempos em que éramos uma colônia de Portugal, houve por parte deste país uma tentativa deliberada em moldar nossos hábitos em consonância com os seus. Nossa elite, o tempo todo, copiava os padrões vindos da Europa. Foi-nos passado, o tempo todo, um padrão do que era o belo, do que era o harmonioso. E esse era, muitas vezes, diferente do que era feito ou transmitido no meio do povo.

Durante os séculos dezoito e dezenove, quando a nossa cultura popular se estruturava e ganhava forma, nossa elite olhava para fora e, não presenciando o rico processo sócio-histórico que se descortinou, olha hoje para esta cultura e não a reconhece como sua. Uma vez que toda a orientação do nosso ensino foi feito por pessoas letradas, e essas comumente ligadas à elite governante, em poucos ou em nenhum momento o fazer popular, a arte popular foi tratada como um saber a ser difundido pela via escolar. Assim, todo um conhecimento popular ficou relegado ao domínio das populações iletradas ou com pouco acesso à instrução e, os representantes dessas classes na escola, normalmente alunos, não conseguem reconhecer no ensino apresentado nada que corresponda ou se aproxime de seu universo de vida.

Acreditamos que a música popular tenha sido um dos escapes a esta tentativa de colocar o povo simples da terra nos moldes e hábitos da Coroa. O processo de surgimento de nossa música popular se deu de forma desordenada e não linear, fundindo elementos das diversas culturas que aqui iam se misturando. A absorção desses novos elementos foi sempre imitativa e, ao mesmo tempo, criativa, tal qual ainda é hoje nas nossas manifestações musicais ligadas à Cultura Popular.

Muitas vezes, os músicos da terra não dominando os códigos cultos para executarem canções europeias acabavam interpretando-as a partir de seus próprios repertórios de possibilidades, que estava ligado à sua cultura de origem e às suas formas de expressão. Assim, não as traduziam com a fidelidade esperada, mas acabavam criando uma forma própria de interpretá-las.

Este processo serviu mais solidamente de base à estruturação de uma música brasileira. Este “trunfo da ignorância” fez com que a arte popular fosse autorreferenciada, mesmo nos momentos em que tentava imitar. E essa autorreferência ao imitar, foi, possivelmente, uma das principais responsáveis pela diversidade e qualidade excepcional da nossa música popular.

O tamanho do País e a falta de comunicação fizeram com que modalidades parecidas de expressão, quando distanciadas, se tornassem modalidades diferenciadas pela ação do tempo. A própria falta de normatização e sistematização do conhecimento fez com que essas modalidades se portassem de maneiras semoventes, sofrendo modificações conforme o tempo que passava, fazendo de nossas expressões musicais algo singular – pelas particularidades trazidas por cada músico – e plural, pela diversidade assim expressa.

Desde as primeiras gravações de música popular no Brasil, iniciadas em 1902, o cotidiano do povo narrado em romances e poemas foi registrado, principalmente, a partir de composições de negros e brancos pobres e de classe média. Pelas mãos de Xisto Bahia, de sambistas como Wilson Batista, Noel Rosa dentre muitos outros brilhantes, pelas mãos de Cornélio Pires, João do Vale, Dorival Caymmi, Chico Buarque, pudemos conhecer a realidade de um Brasil que, muitas vezes, não foi narrado por outras vias.

A música popular exprime incessantemente os anseios de seu povo e, mesmo neste momento em que se encontra atrelada aos interesses de grandes empresas de mídia, vimos surgir por vias alternativas expressões que nos contam sobre um cotidiano, perto de nós, que muitas vezes desconhecemos.

Aprender música popular brasileira nas escolas pode ser um jeito gostoso de conhecer a história do Brasil, a poesia do Brasil, os costumes do Brasil, os povos do Brasil, pois esta responde sempre às mudanças da sociedade e, por vezes, é cronista desses fatos.

Aprender música popular brasileira nas escolas pode ser uma maneira bela de percebermos que vivemos num mundo de multiculturalidade e não de monocultura como as mídias televisivas, radiofônicas e impressas insistem em nos mostrar.

Aprender música popular brasileira nas escolas pode ser um jeito gostoso de conhecer o Brasil e sua exuberância natural e cultural.

Aprender música popular brasileira nas escolas pode ser uma maneira de nos orgulharmos de sermos brasileiros por sermos os autores da maior expressão musical popular existente no planeta⁴.

Aprender música popular brasileira nas escolas pode ser uma maneira bonita de nos sentirmos brasileiros.

Desta forma, a Escola passa também a ser um veículo importante de formação e divulgação da Música Popular Brasileira e valorização de nossa própria cultura, tão depreciada ultimamente.

⁴ São aproximadamente duzentas e cinquenta danças folclóricas diferentes e um número muito maior ainda de ritmos que servem de arcabouço à criação da Música Popular Brasileira, bem como as inúmeras informações vindas de fora que aqui aportam.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 6ª ed. São Paulo/Brasília, Hucitec/UNB, 2008.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 4ª ed. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 12ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____. *O processo civilizador*. vol.2. Rio de Janeiro: Zahar.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MATOS, Gregório de. *Antologia*. (Seleção e notas de Higino Barros). Porto Alegre: L&PM Editores.
- MORAES, José Geraldo Vinci. *Revista USP*. nº 87, (org. Ivan Vilela). São Paulo: IMESP, 2010.

